



NA VOLTA DO PROJETO BRASÍLIA, CAPITAL DO DEBATE, CRISTOVAM E LOBÃO DISCUTEM DESDE A GLOBALIZAÇÃO AO MERCADO FONOGRAFICO

Cristovam e Lobão, um papo-cabeça

Marcelo Rocha
Da equipe do **Correio**

O professor iniciou o tête-à-tête com uma confissão: "Estou nervoso, reconheço. Tenho aqui ao meu lado uma estrela, de grande carisma". João Luiz Woerdenbag fez caras e bocas, ajeitou-se na cadeira. O professor foi além, lançou a provocação: "Temos um ponto em comum", arriscou. "O sonho de um mundo paralelo, de uma utopia, que nos sirva de ponto de fuga".

O convidado, o cantor e com-

positor Lobão (o tal Woerdenbag!), gostou. Tanto que falou por uma hora e meia ontem à noite na volta do projeto Brasília, Capital do Debate, que teve o ex-governador, ex-reitor na Universidade de Brasília (UnB) e professor Cristovam Buarque como mediador do tema A Juventude, A Cultura e o Futuro. Uma multidão lotou o auditório do Teatro dos Bancários (514/15 Sul) para acompanhar o debate.

Cristovam deu as deixas. Muitas. Lobão não poupou uma sequer. Falou de música, de merca-

do fonográfico, de globalização, de juventude, de medalhões da MPB, de Big Brother Brasil, da Xuxa. É, nem a Rainha dos Baixinhos saiu ilesa. "Será que a Xuxa não é tão perigosa quanto o (ex-presidente) Médici (risos)", disse, ao expor um ponto de vista sobre os jovens de hoje.

O negócio do professor é livro. Quis saber do músico como foi essa coisa de lançar o CD A Vida é Doce na Internet e em bancas de jornais, promovendo uma ruptura com indústria fonográfica. "Quem sabe não existirá um dia um 'Lobão' das letras que fará o mesmo com os livros", afirmou Cristovam.

A universitária Mara Régia Pereira, 19 anos, estava atenta, tentando concatenar todas aquelas idéias lançadas pelo professor e pelo músico. "Nem sempre a gente

tem a oportunidade de ouvir duas pessoas com idéias tão interessantes", elogiou. Fã do cantor desde o início da década de 80, o bancário José Santana, 33 anos, emendou: "Fiquei surpreso com a forma articulada com que Lobão expõe suas idéias."

A platéia também participou. Fez perguntas. Quis saber de música. É aí que o velho lobo subverte ainda mais as coisas. Tenta se afastar da alcunha de roqueiro. Há mais de década se inspira no samba (naquela "música lobônica", como se auto-rotula). "Não faz sentido repetir aqui na colônia o discurso da matriz, fazendo hip-hop ou rock", estabelece. Mesmo assim, o palestrante não se fez de rogado, deu vão ao roqueiro e atendeu pacientemente uma fila de fãs a espera de autógrafos.